

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais
Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão e Políticas Públicas

THALITA NERI CARDOSO COELHO

Jovens “Nem-Nem” da Região Metropolitana de Belém: para onde vão?

Belém

2014

THALITA NERI CARDOSO COELHO

Jovens “Nem-Nem” da Região Metropolitana de Belém: para onde vão?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Comissão Avaliadora como exigência parcial para obtenção do certificado de conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão e Políticas Públicas, pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Orientador: Rafael Balseiro Zin.

Belém

Maio de 2014

Sumário

- Resumo.....	4
- Introdução.....	5
- Capítulo I - Juventudes como construção social.....	6
- Capítulo II - Juventudes: trabalho e educação.....	8
- Capítulo III - Grupo “nem-nem” na Região Metropolitana de Belém.....	11
- Capítulo IV – Sugestões e propostas.....	14
- Conclusão.....	18
- Anexos.....	21

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre a chamada população “nem-nem”, jovens que nem trabalham e nem freqüentam a escola, localizados na Região Metropolitana de Belém, no estado do Pará e identificados pelas análises de indicadores sociais pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas/IBGE, no ano de 2013. A análise e reflexão desses dados, além de promover o debate sobre essa realidade vivenciada por esse grupo de jovens, contribuirão para refletir acerca da influência que trabalho e educação desempenham na vivência da condição juvenil e a pensar e desenhar propostas que contribuam para a atuação de governantes e organizações da sociedade civil no sentido de superação dos problemas e desafios diagnosticados nesse grupo.

Palavras-chave: Juventudes; educação; trabalho; geração “nem-nem”.

Introdução

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2013, divulgada recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), na Região Metropolitana de Belém (composta pelos municípios Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara e Santa Izabel), há, cerca de, 658 mil pessoas com idade entre 15 e 29 anos, dessas, aproximadamente 23,7% jovens que compõe o grupo denominado pelo IBGE de “nem-nem”, ou seja, jovens que nem freqüentam a escola e nem trabalham. São aproximadamente 158 mil jovens, apenas na RMB, com idade adequada para conclusão do ensino médio, do ensino superior e ingresso no mundo do trabalho que não estão em nenhuma dessas duas atividades. Dados que nos levam a refletir: para onde estão indo esses jovens que nem freqüentam a escola e nem estão inseridos no mercado de trabalho, embora estejam na idade adequada para ambos?

Refletir o processo de construção social das juventudes, implica que essa fase da vida não pode ser analisada de forma universal, uma vez que se definem no tempo de maneira plural e diversa. Essa visão exige considerar os impactos que a realidade social implica na constituição da identidade individual e coletiva desses jovens e nas formas de interação social.

Nessa perspectiva, da construção social das juventudes, aponta a necessidade de analisar com mais cuidado os indicadores do grupo “nem-nem”, pois ao admitir que esses jovens são seres diferentes, vivem em realidades diferentes, a forma de se relacionar com a não inserção no mundo do trabalho e não freqüentar a escola, também tende a ter causas e conseqüências também diferentes, a depender da realidade na qual esses jovens estão inseridos.

Por esses motivos, esses indicadores exigem uma reflexão mais aprofundada sobre os últimos indicadores desse grupo “nem-nem” de forma a problematizar esse grupo, buscar refletir sobre a realidade vivenciada por ele e pensar em alternativas que contribuam para que educação e trabalho estejam presentes na vida desses jovens.

Capítulo I - Juventude como construção social

A presença de jovens na sociedade brasileira não é algo novo, entretanto, o debate acerca dessa categoria social é recente e ele vem se modificando profundamente ao longo, principalmente, das duas últimas décadas, quando os jovens passaram a ser vistos cada vez mais como sujeitos de direitos, como protagonistas na sociedade e como parte de um debate estratégico para o desenvolvimento do país.

Mas afinal, quem são esses jovens?

Vamos avaliar nessa pesquisa, de forma simplificada, de quem estamos falando a partir de dois aspectos, um objetivo e outro subjetivo.

No aspecto objetivo, vamos considerar o que determina que seja jovem oficialmente no Brasil. Para tal, vamos considerar o Estatuto da Juventude, instrumento normativo que dispõe sobre os direitos dos jovens e princípios e diretrizes da Política Nacional de Juventude, sancionado pela presidenta Dilma Roussef em 2013, que considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

No aspecto subjetivo, talvez o mais importante e mais complexo, não há uma única definição do que seja ser jovem, mas pontos importantes a serem considerados para compreender essa categoria social. Aqui, estamos falando de uma população de aproximadamente 49 milhões de pessoas, ou seja, praticamente $\frac{1}{4}$ da população brasileira, de jovens que não são iguais, possuem caras, sonhos, necessidades, identidades diferenciadas. Essa etapa da vida, não se traduz apenas por fase de transformações biológicas; mas, principalmente, uma etapa em que se constrói a identidade individual e coletiva, um período de grandes transformações, de experimentações, fase centralmente marcada por processos de definição e inserção social.

Não pode ser considerada meramente como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. A condição juvenil corresponde a uma etapa de profundas definições de identidade na esfera pessoal e coletiva, e de diferentes experimentações nas diferentes esferas da vida. E esse processo constitutivo de ser jovem, vai se dando de maneira diferenciada segundo a região do país, a raça e etnia, o gênero, a orientação sexual, a classe social, a presença no mundo do trabalho, a renda familiar, dentre outras dimensões da vida.

Na região norte do país (composta pelos estados de Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), a população jovem é composta por aproximadamente 4,6 milhões de jovens, que vivem uma fase singular em relação a outros momentos da vida, marcada por uma enorme diversidade interna dentro desse grupo populacional e com vários

elementos que a diferenciam das juventudes das outras regiões do país. No estado do Pará, são cerca 2,5 milhões de pessoas compondo a população jovem, e 658 mil, aproximadamente, apenas na RMB.

É nesse sentido, do olhar mais subjetivo, que podemos afirmar as juventudes como categoria e construção social. Considerando aqui a definição sociológica de categoria social, como um conjunto de pessoas que tem o mesmo status social, compartilha características semelhantes, como crenças e valores, pessoas que compõe essa categoria. E a definição de construção social, considerando pensar nessa fase da vida não de maneira universal, portanto, tratamos de juventudes, no plural, pois são heterogêneos, possuem singularidades e diversidades muito próprias dessa etapa; e a partir da forma como se apresentam em um determinado tempo e espaço, sofrendo influencia da realidade social na definição das formas de ser e estar no mundo, ao mesmo tempo em que, também transformam essa dada realidade. (Zuchetti e Bergamaschi, 2006).

Capítulo II - Juventudes: trabalho e educação

Na Grécia antiga, as situações de trabalho no tempo da juventude são pouco citadas, enquanto a “educação profissional” é citada como algo a ser evitado, priorizando uma educação voltada para a arte de viver na cidade. Já na Europa pré-industrial, trabalho e educação, juntamente com a religião adquirem maior importância, quando os pais eram obrigados a manter seus filhos na escola até os 13 anos, embora muitos abandonassem os estudos mais cedo. Essa perspectiva da importância da escola passou a ter controle legal, proibindo a contratação de empregado ou aprendiz menor de dezesseis anos. Entretanto, mesmo com esse controle legal, a questão da escolaridade permaneceu centrada nas classes mais abastadas, fazendo com que o trabalho adquirisse um princípio mais educativo. (ZUCCHETTI, BERGAMASCHI, 2006).

No século XX é possível perceber com mais clareza a figura da juventude operária e seu ingresso precoce no trabalho, quando este, para adolescentes de 14 anos para a ser visto como normal pelo saber técnico embora não como sadio. Nessa relação

Os aprendizes eram “paus-para-toda-obra”, e aprendia-se pouco sobre o verdadeiro ofício, uma vez que essa aprendizagem acontecia, na maioria das vezes, no próprio local de trabalho. Fosse na fábrica e ou no canteiro de obras, a aprendizagem constituía-se como uma parte do contrato do trabalho familiar. O jovem operário era o auxiliar do pai ou de algum irmão mais velho, sendo o seu salário agregado ao deles. (ZUCCHETTI, BERGAMASCHI, 2006)

Esse tipo de relação de trabalho não favorecia a perspectiva da aprendizagem e da formação profissional dos jovens, embora daí surja experiências de organização coletiva desses jovens operários em reivindicação por qualificação e ensino integral, impulsionando o surgimento das redes de escolas profissionalizantes.

No final do século XX e início do XXI, questões ligadas às juventudes e os próprios jovens tem ganhado destaque. Dentre essas questões, trabalho e educação surgem como duas das principais preocupações dos jovens e da sociedade em relação a eles.

De acordo com Abramo (2011), embora o número de matriculados nas unidades de ensino tenha crescido no país, nos dois últimos níveis de ensino (médio e superior), o país ainda está distante de assegurar aos jovens brasileiros a cobertura completa e mecanismos que impeçam os impactos das diferenças socioeconômicas, étnicas e regionais no acesso a esses níveis educacionais, que se transformam em um funil de acesso a essa etapa de ensino.

O impacto dessa pouca ou baixa escolaridade está diretamente associado à forma como os jovens relacionam-se com o mundo do trabalho. Na atual sociedade, dita por alguns teóricos como do conhecimento e da informação, a relação entre pouca ou baixa escolaridade é inversamente proporcional ao acesso aos postos de trabalho com as melhores condições e remunerações.

Não é difícil perceber que a realidade atual, no que diz respeito à aprendizagem profissional, se parece muito à realidade dos jovens da Grécia Antiga, quando a questão da escolaridade centrou-se nas mãos das classes mais abastadas. Nos dias atuais, os jovens das classes mais desfavorecidas também enfrentam dificuldades para o acesso à educação de qualidade, embora tenham presenciado grandes mudanças nessa questão no país, nos governos democráticos e populares de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff; ainda são os filhos das elites brasileiras a terem acesso às melhores oportunidades de qualificação e formação educacional e profissional, e se posicionam na dianteira do acesso aos postos de trabalho com as melhores condições e com os melhores salários, numa corrida injusta e desigual.

Essa relação nos leva a refletir a importância desse binômio educação-trabalho para as juventudes brasileiras, fugindo da perspectiva de mera formação de mão de obra para atender as necessidades de mercado, e buscando caminhar no sentido da construção de mecanismos de emancipação dessa juventude. Essas duas categorias, educação e trabalho, podem contribuir para uma vivência da condição juvenil com mais dignidade e de forma a assegurar a emancipação desses jovens.

Se, é verdade que o aumento da escolaridade não assegura o acesso de jovens aos melhores postos de trabalho, também é verdade que a baixa escolaridade dificulta ainda mais essa relação. E nessa relação, segundo Pochmann (2004), a expansão da escolaridade deve ser analisada do ponto de vista da produtividade, mas também da cidadania, de forma a ampliar o acesso desses jovens não apenas ao mercado de trabalho, mas às outras dimensões da vida.

Associando a essa perspectiva da expansão da escolaridade do ponto de vista da produtividade e da cidadania, o trabalho apresenta três aspectos que demonstram a importância do trabalho para os (as) jovens. O primeiro aspecto é objetivo, e está ligado a questão mais aparente dessa relação, que é justamente o da inserção ocupacional e da geração de renda, ambos diretamente ligados, na ampla maioria dos casos, à manutenção das condições básicas de sobrevivência dos (as) jovens. O segundo aspecto é subjetivo, e está ligado à necessidade de considerar o trabalho na sua dimensão formativa, como um espaço privilegiado para o desenvolvimento das habilidades e autoconhecimento, construção da

autonomia em relação à família, de acesso a outras formas de sociabilidade, de realização pessoal e vivência da própria condição juvenil. Por fim, outro aspecto relevante é pensar nas variações na inserção dos jovens no mercado de trabalho, que não se dá de maneira igual para todos os jovens, vai se modificando a partir de alguns recortes, como classe social, cor ou raça, gênero, orientação sexual, escolaridade, de forma que, alguns jovens tenham mais dificuldade de acessar o mundo do trabalho e/ou se inserem em condições mais ou menos precárias que outros.

Compreendendo a importância desse binômio educação-trabalho, interessa refletir para onde estão indo os jovens “nem-nem” da Região Metropolitana de Belém.

Capítulo III - Grupo “nem-nem” na Região Metropolitana de Belém

3.1 – Jovens “nem-nem” na Região Metropolitana de Belém

De acordo com acordo com a última Síntese de Indicadores Sociais (SIS 2013), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a Região Metropolitana de Belém, possui uma população jovem de aproximadamente 658 mil jovens, de um total quase 2,5 milhões de pessoas jovens residentes no estado do Pará. (Tabela 1).

Do total de jovens na RMB, 23,7% estão no denominado grupo “nem-nem”, ou seja, cerca de 158 mil jovens nem frequentavam a escola e nem estavam inseridos no mercado de trabalho no ano de 2012. Esse percentual é maior do que o do Brasil (19,6%), da região Norte (21,9%) e do estado do Pará (22,5%) (Tabela 2).

Quando a análise desse grupo é realizada por subgrupos de idade, percebemos que esse percentual aumenta de acordo com a elevação da idade. No subgrupo de 15 a 17 anos (Tabela 3), o grupo de “nem-nem” é de 7,6%, aumenta para 27,6% no subgrupo de 18 a 24 anos (Tabela 4); e para 28,1% no subgrupo de 25 a 29 anos (Tabela 5). Apenas no primeiro subgrupo (15 a 17 anos) o percentual é menor do que os dados do País, da Região Norte e do estado do Pará. Nos subgrupos seguintes (18 a 24 anos e 25 a 29 anos), esse percentual da RMB é maior do que os percentuais do país, da região e do estado.

Outra questão importante para reflexão é a constatação de que o tipo de atividade entre os jovens da RMB muda com o aumento da idade. O percentual de jovens que declarou somente estudar vai diminuindo por subgrupo, quanto maior o recorte etário, menor o percentual de quem só estuda (15 a 17 anos: 84,1%; 18 a 14 anos: 26,1%; 25 a 29 anos: 6,1%) (Tabelas 3, 4 e 5).

Jovens que declararam estudar e trabalhar estão mais concentrados no subgrupo de 18 a 24 anos, são 14%. No subgrupo de 15 a 17 anos esse percentual é de 6% e no de 25 a 29 anos é 7,2%.

Já quando a análise recai sobre jovens que declararam somente trabalhar, o percentual aumenta de acordo com a elevação da idade: no subgrupo de 15 a 17 anos são apenas 2,3%; 18 a 24 anos são 31,4%; e no subgrupo de 25 a 29 anos, são 58,6%.

3.2 – Características nacionais do grupo “Nem-Nem”: sexo, nível de instrução e indicação de presença de filhos nascidos vivos das mulheres

A Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2013/IBGE, identificou algumas características do grupo “Nem-Nem” no país, a saber: sexo, nível de instrução e indicação de presença de filhos nascidos vivos das mulheres.

Embora essas características não tenham sido disponibilizadas por Região, Unidade da Federação e Regiões Metropolitanas, como os dados por tipo de atividade, por exemplo, não sendo possível, portanto, identificar o percentual dessas características nos(as) jovens da RMB, esses percentuais nacionais, tendem a refletir características gerais do grupo “Nem-Nem” também da Região Metropolitana de Belém.

De acordo com esses dados, os “nem-nem” são majoritariamente composto por mulheres, que representam 70,3% desse grupo, enquanto os homens representam 29,7%. Quando é feito o recorte por subgrupo de idade, percebemos que a maioria dos homens “nem-nem” concentra-se no subgrupo de 15 a 17 anos; enquanto entre as mulheres, a concentração ocorre no subgrupo de 25 a 29 anos (Tabela 6).

Quando a análise focaliza o nível de instrução mais elevado alcançado pelos jovens, constatamos que a maioria deles possui o ensino médio completo. A análise por sub-grupo evidencia que na faixa de 15 a 17 anos, a maioria possui ensino fundamental incompleto (56,7%); e tanto na faixa de 18 a 24 anos, quanto na de 25 a 29 anos, a maior parte possui o ensino médio completo (43,2% e 39,2%, respectivamente) (Tabela 7).

Entre as mulheres que não trabalhavam e não estudavam, 58,4% tinham pelo menos um filho: 30% delas com idade entre 15 e 17 anos; 51,6% no subgrupo de 18 a 24 anos; e 74,1% no subgrupo de 25 a 29 anos (Tabela 8).

3.3 – Análise do grupo “nem-nem”

O grupo “Nem-Nem” na Região Metropolitana de Belém é composto por aproximadamente 158 mil jovens com idade entre 15 e 29 anos, o que representa 23,7% da população jovem dessa Região, e possui maior concentração nos subgrupos de 18 a 24 anos e 25 a 29 anos (27,6% e 28,1% respectivamente).

Embora a análise de algumas características não faça o recorte regional e da RMB, os dados nacionais tendem a refletir a realidade desse grupo “nem-nem” também na Região Metropolitana de Belém.

O recorte de gênero no grupo “nem-nem” exige uma reflexão mais cuidadosa, uma vez que a sua composição é majoritariamente de mulheres (70,3%), que estão mais concentradas no subgrupo de 25 a 29 anos (76,9%). E entre essas mulheres, 58,4% tinham pelo menos um filho. Não é possível indicar uma relação de causa e efeito entre maternidade e não frequentar escola e trabalho. Entretanto, duas questões chamam atenção: a forte presença de mulheres que não trabalham e não estudam, e dentre estas, a forte presença de mulheres nesse grupo com pelo menos um filho. Nesse caso, a maternidade pode ser um dos motivos que afastam as mulheres jovens da escola e do trabalho, principalmente quando consideramos nessa reflexão, associada aos dados, o papel histórico atribuído às mulheres na sociedade, de reprodução e cuidado dos filhos em detrimento do desenvolvimento de uma vida profissional.

Outra questão que chama atenção é o nível de instrução mais elevado alcançado pelos jovens “nem-nem”. Por esses dados, constatamos que a maior parcela desses jovens possui o ensino médio completo (38,6%), seguido pelos jovens com ensino fundamental incompleto (32,4%). Esses dados indicam algumas questões importantes. Primeiro, fica claro que há uma distorção entre idade e série adequadas. A segunda questão que emerge para reflexão é a forte concentração de jovens com ensino médio completo; aqui, percebemos uma lacuna entre este grau de ensino e o ensino superior. Mesmo não havendo mais informações mais detalhadas a respeito desse dado, como o motivo desses jovens não ingressarem no ensino superior, por exemplo, duas questões surgem como possíveis causas dessa realidade: o atual modelo de escola não parece ser atrativo para a geração de jovens da atualidade, o que pode ser uma das causas tanto para esse distanciamento, quanto para a distorção idade/série; a outra questão, diz respeito ao funil que tem se tornado o acesso à educação superior, seja pelas dificuldades de ingresso nas instituições públicas por conta das poucas vagas disponíveis, seja pelos altos custos para cursar essa etapa de ensino em uma instituição privada.

Capítulo IV – Sugestões e Propostas

Este artigo pretendeu refletir sobre a chamada população “nem-nem”, da Região Metropolitana de Belém, ou seja, jovens que nem trabalham e nem freqüentam a escola, e a pensar e desenhar propostas que contribuam para a atuação de governantes e organizações da sociedade civil no sentido de superação dos problemas e desafios diagnosticados nesse grupo.

Diante desse desafio, de pensar em sugestões e propostas, e a partir da análise dos dados, entendemos que a mais importante medida a ser tomada seja a de criar mecanismos que possibilitem postergar o ingresso de jovens no mercado de trabalho, assegurando a estes o acesso ao ensino médio e superior de qualidade. Dessa forma, educação/escolaridade e trabalho precisam ser vistos como espaços fundamentais de formação desses jovens, atendendo à perspectiva da formação para a produtividade, mas também para a cidadania.

Essa medida é importante, porque, embora os dados dessa pesquisa não tracem um perfil econômico desses jovens “nem-nem”, outras pesquisas demonstraram que são os jovens das camadas mais populares trocarem a freqüência à escola pelo acesso ao mercado do trabalho, e em geral, nos piores postos de trabalho, como forma de garantir as condições básicas de sobrevivência. De forma que, se faz necessário assegurar a esses jovens, formação educacional e profissional com qualidade, para terem condições de disputar postos de trabalho com condições e remuneração decentes.

Nesse sentido, apresentamos como sugestões que busquem contribuir a medida apresentada acima:

- **Programa “Juventudes, Educação e Trabalho”:**

Criação de programa voltado para atender o grupo “nem-nem” da RMB, formulado e executado pelas prefeituras da Região Metropolitana de Belém e Governo do Estado do Pará. Esse programa vai estruturar-se em três grandes ações:

- 1 – Mapa dos jovens “nem-nem” da RMB:**

- Mapear e identificar quem são e onde estão os jovens “nem-nem” da Região Metropolitana de Belém;

2 – Escola Estadual Tecnológica da Juventude:

- Criação de Escola Tecnológica voltada para atender prioritariamente jovens “nem-nem” da RMB;
- Localizada no município de Ananindeua, para facilitar o acesso aos(as) jovens dessa Região;
- Ofertar algumas modalidades de ensino associadas à formação profissional: Integrado (ensino médio e profissionalizante, para quem não concluiu o ensino médio); EJA (para quem não concluiu ensino fundamental) e Subseqüente (ensino técnico, para quem já concluiu ensino médio e precisa de qualificação profissional);
- Escola de tempo integral: formação educacional, formação cidadã, formação profissional e atividades esportivas, culturais e de lazer;
- Parceria entre Prefeituras dos municípios da RMB, Governo Estadual e Universidades Públicas do estado do Pará;
- Criação de creche dentro da Escola Tecnológica da Juventude, para atender os(as) filhos(as) das(os) jovens estudantes;

3 – Bolsa Juventude:

- Programa de transferência direta de renda para os jovens participantes do Programa, para contribuir com necessidades básicas desses jovens e facilitar o acesso e permanência na Escola Tecnológica.

Conclusão

A última Síntese de Indicadores Sociais (SIS 2013), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), indicou a existência do grupo chamado “nem-nem”, jovens que não trabalham e não estudam, que, somente na Região Metropolitana de Belém é composta por cerca de 158 mil jovens, o que representam 23,7% da população jovem dessa Região Metropolitana.

Considerando os dados específicos da RMB, os quais especificam a quantidade de jovens “nem-nem” por sub-grupo de idade, e algumas características nacionais desse grupo (sexo, nível de escolaridade mais elevado alcançado e presença de pelo menos um filho nascido vivo das mulheres), é possível traçar um perfil desses jovens: composto majoritariamente por mulheres; estas tem pelo menos um filho nascido vivo; e possuem até o ensino médio completo.

Além desse perfil, é preciso considerar as juventudes como um processo de construção social, o que exige não enxergar esses jovens de forma universal, mas a partir das singularidades, das individualidades que essa categoria possui; e nesse sentido, desse aspecto subjetivo, considerar as necessidades que esses(as) jovens demandam e a capacidade que esses jovens possuem de contribuir para um novo padrão de desenvolvimento na sociedade.

Nessa perspectiva, considerando as juventudes como categoria com singularidades e necessidades próprias, podemos afirmar que o grupo “nem-nem” é um problema multidimensional, que não possui apenas uma causa desencadeadora, embora educação e trabalho figurem como categorias centrais no processo de constituição desse grupo. É nesse sentido que as políticas públicas para atender este grupo devem orientar-se pela intersetorialidade (envolvendo instituições governamentais e não governamentais) e pela transversalidade (envolvendo diversos órgãos governamentais).

É nesse sentido, refletindo sobre a importância que educação e trabalho desempenham na formação e desenvolvimento da condição juvenil, e na importância de assegurar que esses jovens “nem-nem” tenham acesso à educação de qualidade, formação profissional e condições adequadas de ingressar no mundo do trabalho, é que propomos como ação para esse problema o Programa “Juventudes, Educação e Trabalho”, baseado em três grandes linhas de ação: Construção do Mapa dos jovens “nem-nem” na Região metropolitana de Belém, para identificar quem são e onde estão; construção da Escola Estadual Tecnológica da Juventude, para atender prioritariamente os e as jovens “nem-nem”, com formação integral

(escolarização, formação cidadã e profissional); e Bolsa Juventude; programa de transferência direta de renda voltada para garantir o acesso desses jovens à Escola e ao Programa;

Temos compreensão de que essas ações não resolvem integralmente a situação na qual se encontram os jovens “nem-nem” da Região metropolitana de Belém, afastados da escola e do trabalho. Entretanto, entendemos que são ações importantes no sentido de pavimentar um novo caminho para esses jovens, que por algum motivo distanciaram-se da escola e do trabalho, sofrendo as graves conseqüências que esse distanciamento impõe a eles, a suas famílias e à sociedade como um todo, de forma imediata e a médio e longo prazo.

Anexos

Tabela 1 – População Jovem por Grupo de Idade na Região Metropolitana de Belém/Pará (SIS 2013 – IBGE) (Grupo por 1.000 pessoas)

População Jovem por grupo de idade da Região Metropolitana de Belém (SIS 2013 - IBGE) (grupo por 1.000 pessoas)					
	15 a 17 anos	18 e 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	TOTAL
BRASIL	10.580	6.471	16.027	16.292	49.370
NORTE	1.089	649	1.450	1.418	4.606
PA	820	309	717	691	2.537
RMB	187	82	189	200	658

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 2 – Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 15 a 29 anos de idade, por grupos de idade e tipo de atividade na semana de referência (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 2 - Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 15 a 29 anos de idade, por grupos de idade e tipo de atividade na semana de referência, na Região Metropolitana de Belém – 2012				
Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Total			
	Só estuda	Trabalha e estuda	Só trabalha	Não trabalha, nem estuda
Brasil	21,6	13,6	45,2	19,6
Norte	24,1	13,5	40,6	21,9
Pará	23,5	13,1	41,0	22,5
Região Metropolitana de Belém	32,1	10,2	33,9	23,7

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 3 – Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 15 a 17 anos de idade, por grupos de idade e tipo de atividade na semana de referência (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 3 - Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 15 a 17 anos de idade, por grupos de idade e tipo de atividade na semana de referência, na Região Metropolitana de Belém – 2012				
Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	De 15 a 17 anos de idade			
	Só estuda	Trabalha e estuda	Só trabalha	Não trabalha, nem estuda
Brasil	65,4	18,8	6,5	9,4
Norte	65,4	18,7	6,4	9,5
Pará	64,3	19,4	7,8	8,5
Região Metropolitana de Belém	84,1	6,0	2,3	7,6

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 4 – Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 18 a 24 anos de idade, por grupos de idade e tipo de atividade na semana de referência (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 4 - Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 18 a 24 anos de idade, por grupo de idade e tipo de atividade na semana de referência, na Região Metropolitana de Belém – 2012

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	De 18 a 24 anos de idade			
	Só estuda	Trabalha e estuda	Só trabalha	Não trabalha, nem estuda
Brasil	14,5	14,8	47,3	23,4
Norte	17,6	14,3	41,5	26,5
Pará	18,1	14,0	40,8	27,0
Região Metropolitana de Belém	26,9	14,0	31,4	27,6

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 5 – Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 25 a 29 anos de idade, por grupos de idade e tipo de atividade na semana de referência (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 5 - Distribuição percentual de adolescentes e jovens de 25 a 29 anos de idade, por grupo de idade e tipo de atividade na semana de referência, na Região Metropolitana de Belém – 2012

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	De 25 a 29 anos de idade			
	Só estuda	Trabalha e estuda	Só trabalha	Não trabalha, nem estuda
Brasil	2,9	8,3	67,5	21,3
Norte	3,9	8,5	63,6	23,9
Pará	3,1	7,6	64,1	25,2
Região Metropolitana de Belém	6,1	7,2	58,6	28,1

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 6 – Distribuição percentual de pessoas de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência, por grupo de idade e por sexo (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 6 – Distribuição percentual de pessoas de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência, por grupo de idade e por sexo (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Característica selecionada: sexo	TOTAL	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
Homem	29,7	40,4	32,0	23,1
Mulher	70,3	59,6	68,0	76,9

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 7 – Distribuição percentual de pessoas de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência, por grupo de idade e por nível de instrução mais elevado alcançado (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 7 – Distribuição percentual de pessoas de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência, por grupo de idade e por nível de instrução mais elevado alcançado (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012				
Característica selecionada: Nível de Instrução mais elevado alcançado	TOTAL	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
Ensino Fundamental Incompleto	32,4	56,7	28,4	31,5
Ensino Fundamental completo ou médio incompleto	23,4	31,0	24,1	20,0
Ensino médio completo	38,6	12,2	43,2	39,2
Ensino superior completo ou incompleto	5,6	0,1	4,2	9,3

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Tabela 8 – Distribuição percentual de pessoas de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência, por grupo de idade e por nível de instrução mais elevado alcançado (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012

Tabela 8 – Distribuição percentual de pessoas de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência, por grupo de idade e por indicação de presença de filhos nascidos vivos das mulheres (%), na Região Metropolitana de Belém – 2012				
Característica selecionada: Indicação de presença de filhos nascidos vivos das mulheres	TOTAL	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
Nenhum filho	41,0	69,9	48,0	25,0
1 ou mais filhos	58,4	30,0	51,6	74,1

Fonte: SIS 2013 (IBGE)

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. **Condição Juvenil no Brasil contemporâneo**. In: Retrato da Juventude Brasileira. Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p.37-72.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas/IBGE:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/sintese_defaultxls.shtm Acessado em 21 de abril de 2014 às 15h56

Juventude, mercado de trabalho e sindicalismo. Caderno de Formação Sindical. CUT, 2013.

Projeto Juventude. Instituto Cidadania, 2004.

Matricialidade e Intersetorialidade: Questões Conceituais. Texto da aula 9. Disciplina: Políticas Públicas: análise e relato de experiências, da Especialização Gestão e Políticas Públicas – FESPSP.

SINGER, Paul. **A juventude como coorte**. In: Retrato da Juventude Brasileira. Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 27-35.

Síntese de Indicadores Sociais 2013. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013:
http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=266778 Acessado em 20 de fevereiro de 2014.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza, BERGAMASCHI, Zucchetti Maria Aparecida. **Construções sociais da infância e da juventude**. P. 213-234. In Cadernos de Educação/FaE/PPGE/UFPel, 2006.